

Entrevista

Maria Helena Lisboa da Cunha é professora titular do Departamento de Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Dedicase, principalmente, às questões de Estética e História da Filosofia, dando ênfase ao pensamento Pré-socrático, Platão, Nietzsche e Jung. É autora dos livros *Espaço real, espaço imaginário* (Uapê, 1998), *Nietzsche: espírito artístico* (Cefil, 2003) e *Rhizoma* (Verbete, 2009), além de diversos artigos em revistas especializadas, como *O conceito de liberdade e suas interfaces* (*Ensaaios Filosóficos*, 2011).

Revista Ensaaios Filosóficos: Como a senhora poderia descrever sua trajetória na filosofia e sua relação com o grande Mestre Gerd Bornheim?

Maria Helena Lisboa: Agradeço a oportunidade de escrever sobre o filósofo e professor Gerd Bornheim, meu orientador do doutorado em filosofia pela UFRJ com tese defendida em 1990 e assíduo frequentador da minha casa em festas e violonadas, sendo a recíproca também verdadeira, eu e meus filhos frequentávamos a sua casa em almoços e festas desde a época do doutorado até a sua morte inesperada e precoce. É verdade que nos estressamos algumas vezes, mas nada que não aconteça também com os amigos, com os pais e principalmente com os companheiros de estrada. Mas isso são águas passadas, nós, nietzschianos sabemos o preço do ressentimento e, por isso, temos o dever de virar as páginas do livro da vida e recomeçar. Você me coloca quatro questões, sendo a 1ª sobre a minha trajetória na Filosofia e a minha relação com o “Mestre Gerd Bornheim”, como você o cognomina. Eu conheci o Gerd, como eu o chamava, no final do Mestrado em Filosofia na UFRJ, sendo meu orientador o Prof. Celso Lemos, meu professor desde a UEG, Universidade do Estado da Guanabara, posterior UERJ, onde me formei. Ele foi meu professor em estética filosófica, mas o curso foi muito bom e ficamos amigos, pois tínhamos o hábito estudantil de sairmos da aula e tomarmos uns chopps pelo centro da cidade, o Gerd adorava isso, o chopp e os alunos à volta, por isso o convidei para a minha banca de dissertação do mestrado na qual constava o nome também da Profa. Telma Donzelli, uma dama inglesa, quem a conheceu pode conferir. Eu fiz todos os cursos do Gerd e assisti a todas as suas

Conferências, só tenho a dizer que todos foram excelentes; tenho todos os livros dele com dedicatória, a maioria já lida, mas o curso que mais me impactou foi um curso de férias sobre Sartre, uma interseção de filosofia com literatura, especialmente Flaubert, seu velho conhecido, de muita intensidade! Faço a ressalva que a minha trajetória na filosofia não começou com o Gerd, mas com outro excelente professor que, infelizmente, abandonou a vocação e abraçou outra de menor intensidade: Luiz Alfredo Garcia Rosa, meu professor de filosofia no Colégio Andrews onde, nos cursos sobre Platão e Aristóteles deu o pontapé que eu precisava para escolher a carreira que abracei. Suas aulas até hoje ressoam nos meus ouvidos, e, como ele também era psicólogo, acho que foi aí que eu fiz a intercessão da Filosofia com a Psicanálise, porque era tema frequente em suas aulas essa importantíssima e essencial ligação.

Revista Ensaio Filosóficos: Nas últimas décadas a filosofia vem se relacionando de maneira mais íntima com a psicanálise, seja pela crítica ou pela composição. Sabemos que a senhora trabalhou com o pensamento de Carl Jung e Nise da Silveira. A partir desse dado, qual a importância de se pensar a relação filosofia e psicanálise?

Maria Helena Lisboa: Eu trabalhei o pensamento de Jung na minha tese de doutorado, mas comecei a trabalhá-lo na dissertação de mestrado por uma coincidência, se assim podemos chamar o que eu vou relatar: na verdade, eu pretendia fazer uma dissertação sobre a mitologia grega como alternativa ao pensamento racional, pesquisando especialmente Vernant e Détiene, uma vez que a minha monografia de graduação com o professor Celso Lemos tinha sido sobre os Pré-socráticos, minha paixão até hoje! Ocorreu que no dia que cheguei para a primeira aula, conheci uma aluna chamada Selma Ávila que era gaúcha e conhecia o Gerd do Rio Grande do Sul, ele era gaúcho, também, e essa aluna, inteligente, por sinal, era psicóloga e conhecia o grupo de estudos da Dra. Nise. Ora, quando eu lhe disse que iria fazer uma Dissertação sobre os Mitos, ela me arrastou para o *Museu do Inconsciente* e não parava de falar que eu teria que estudar os mitos da *psúkhe* se eu quisesse realmente estudar mitos..., dei uma guinada na direção que eu iria tomar, porque depois do Museu, eu me encontrei naquilo que eu vi e tinha vivido na minha vida: não que eu tenha abandonado o Vernant, nada disso, adoro tudo que ele escreve, tenho toda a sua obra filosófica, mas o que eu vi no Museu era outra coisa e mudou minha vida para sempre, foi uma relação visceral com a *psúkhe*,

com Jung e com a Dra. Nise, uma pessoa única no mundo e braba, muito braba. Dela posso contar o seguinte fato, muito significativo, para mostrar do que ela era capaz: quando essa aluna Selma me apresentou à Dra. Nise, disse: a Maria Helena é Profa. da UERJ e vai defender uma dissertação de mestrado em Jung, ao que ela mais que depressa respondeu, com chispas nos olhos: é mais fácil beber do leite de uma onça do que defender uma dissertação em Jung! Aquilo fez o efeito de uma bomba na minha *psique* e eu decidi abandonar imediatamente o Projeto da Dissertação; à tarde, na aula do Gerd relatei o ocorrido aos prantos me sentindo aniquilada! Prontamente, o Gerd muito sensibilizado e gentilmente querendo me apoiar disse que aquilo fora uma prova para ver do que eu era capaz e que eu deveria levar adiante o projeto de todo modo! E assim eu fiz, não sem me deparar com muitas resistências até porque eu estava contando com a Dra. para me sanar algumas dúvidas, mas isso não seria mais possível. Bem, o resto é fácil de adivinhar, eu estudei como uma leoa, comprei todas as obras do mestre de Zurich e passei com 10,0 com todos os examinadores, mas o melhor foi o que aconteceu depois: marquei uma visita com a acompanhante da Dra. Nise na sua casa, depois que a dissertação foi editada e, gentilmente, mas não sem uma certa ironia escorpiana (sou do signo de Escorpião) lhe entreguei um exemplar com dedicatória e essas palavras: Dra. Nise, eu matei a onça! Ao que ela me respondeu: aquilo foi uma provocação para ver do que você seria capaz, agora eu vejo que foi capaz! E eu saí de lá com a sensação do dever cumprido, com uma paz imensa no coração. Para finalizar essa questão, faço a observação que Filosofia e Psicanálise têm tanto a ver quanto Filosofia e literatura, poesia, física, direito, matemática, história; a Filosofia no entender de Foucault é uma “ascese de si no pensamento”, e essa ascese pode se articular com todo e qualquer saber, desde que traga potência às nossas vidas; sabemos das críticas que Deleuze dirige à Psicanálise e eu não lhe tiro a razão, mas isso não impede que com ela façamos intercessões, como ele próprio fez com a literatura, o teatro, o cinema e a pintura de Bacon. No fundo é sempre aquela questão seríssima colocada por Nietzsche: de que vida se trata? De uma vida alegre, potente com muitos gastos afetivos ou de uma vida triste, impotente, com poucos gastos afetivos? E aí tudo muda de figura, essa vida que levamos é única, singular e, portanto, merece que a levemos do modo mais nobre possível, do contrário, ela não merece ser vivida.

Revista Ensaaios Filosóficos: Atualmente, qual seria a importância da contribuição do pensamento de Schopenhauer para filosofia?

Maria Helena Lisboa: Você me questiona da importância do pensamento de Schopenhauer para a Filosofia na atualidade e eu vou lhe responder sucintamente até porque eu não sou especialista em Schopenhauer, você deveria dirigir essa questão para a professora Rosa Maria Dias, que tem escrito muitos textos sobre ele, assim como também sobre Nietzsche, mas a questão pode ser vista por duas vias: de um lado, toda filosofia, seja deste filósofo, dos Pré-socráticos, de Platão ou de Marx, é importante para a atualidade, porque a filosofia trabalha com as forças do pensamento, com possibilidades, com virtualidades e nesse sentido, com as forças da vida. Ora, nada é mais importante do que a vida, e o trabalho das forças é o alimento essencial da alma, aquilo sem o qual ela define e com o qual ela se potencializa, por isso Nietzsche o chamou de vontade de potência! Nada mais vulgar e despotencializador do que as opiniões correntes, o “dejà vu”, as ideologias, as crenças, os pré-conceitos que sendo não filosóficos voejam pela sociedade, pelos informativos, pela mídia, pelos canais de comunicação da atualidade: nesse sentido, podemos dizer que isso que está aí, despotencializa e que a filosofia potencializa (um bom exemplo do que estou me referindo é o programa da Rede Globo, Big Brother Brasil). Por outro lado, temos que certos conceitos schopenhauerianos tais como o querer-viver, essa vontade cega que atravessa indômita a existência e se representa nas formas que existem produzindo o que denominamos realidade, foram incorporados por Nietzsche que o transformou no conceito de vontade de potência ou de poder (*Wille zur Macht*), conceito este visceral que encontramos com outras roupagens desde Heráclito até a física quântica! Faço a ressalva que uso o termo vontade de potência como Deleuze usa (*volonté de puissance*), posto que o termo poder (*Macht*), que em alemão também tem o sentido de fazer, construir, indicando ação, em português tem o sentido de domínio, de submissão, o que contraria a imagem que o filósofo faz do termo: no *Zaratustra* tem um capítulo chamado, “Da virtude que dá”, onde Nietzsche aponta a generosidade e nunca o domínio para compor o conceito de vontade de potência!

Revista Ensaios Filosóficos: Como estudiosa de Nietzsche, a senhora poderia destacar os pontos de maior relevância no pensamento desse filósofo? Principalmente no que diz respeito à relação pensamento e vida.

Maria Helena Lisboa: Nietzsche é um filósofo trágico, como também Heráclito, e o que ele entendia por trágico é o fato de a vida ser ambígua, esse Deus que é “dia e noite, inverno e verão, saciedade e fome”, de que fala Heráclito no fragmento DK 67, isto é, não há com eliminar a contradição quando se trata de forças da natureza, “o mundo é um monstro de forças em conflito, jogo de forças e ondas de forças, uno e múltiplo ao mesmo tempo”, que ele cunhou de dionisíaco, daí que essa nostalgia da unilateralidade que o ocidente tem, privilegiando o Bem, o Belo e a Verdade como Ideias retoras desde Platão, seja o objeto privilegiado da crítica do filósofo. Nietzsche é um filósofo que fala da vida, dessa vida que nós vivemos e não de outra de promessas vãs, ele fala daquilo que é nosso por natureza, o corpo, os afetos, a alimentação, o clima, a vestimenta, não de ideias abstratas que só dizem respeito a quem as inventou! O conceito de vontade de potência articulado ao de *eterno-retorno*, dá conta de uma vida com grandes gastos afetivos, singular e criativa, incomum numa sociedade globalizada que pensa no bem atrelado à mídia e ao lucro, se esquecendo das minorias, dos animais e do ecossistema, posto que ainda se pauta pelos abstratos Direitos Humanos, quando isso, para Deleuze, não passa de falácia; Deleuze fala no *Abecedário* em Jurisprudência, único Direito possível, há “situações que evoluem, não ordens abstratas”; nada existe “em si mesmo, como as Ideias platônicas, mas casos particulares: Direito plural para a multiplicidade que nós somos enquanto singularidades; Direito que devém como tudo na existência, se é o homem o inventor das leis, não há como serem eternas, elas têm, por princípio, que se transformar! Nietzsche pensa o corpo e o pensamento como um amálgama, nenhuma físsura é possível, “Nós, filósofos, não podemos, como faz o povo separar a alma do corpo, ainda menos, separar a alma do espírito. Não somos rãs pensantes, aparelhos registradores sem entranhas”, afirma em *A Gaia ciência*, aforismo 3 do Prefácio à 2ª Edição. A Filosofia como política trágica da *Grande-saúde*, como o filósofo a entende, deixa de ser um sistema racional, um sistema de pensamento e passa a ser um combate, um corpo a corpo, uma “máquina de guerra” segundo Deleuze, um hino à solidão criativa de Zarathustra na caverna com seus animais, um ditirambo que afirma o valor de uma vida potente, nobre e saudável, descartando tudo o que a diminui e a adoce. Um

filósofo que se expõe, se arrisca como ele fez, é raro, podemos também nos lembrar de Spinoza que no séc. XVII foi expulso da comunidade religiosa pela mesma força de combate às crenças, aos preconceitos, à mesmice do rebanho, do Estado, enfim, de uma sociedade que, como a nossa, continua com as mesmas artimanhas despotencializadoras da vida. A relevância do seu pensamento está, desde já, justificada, muito obrigada.